

Volume 1 • Módulo 1 • História • Unidade 2

A diversidade cultural na história do Brasil

Gracilda Alves, Gilberto Aparecido Angelozzi, Ana Paula Cabral Tostes, Claudia Regina Amaral Affonso, Denise da Silva Menezes do Nascimento, Guilherme Antunes Jr., Gustavo Pinto de Souza, Inês Santos Nogueira, José Ricardo Ferraz, José Valdenir Rabelo Filho, Marcia Cristina Pinto Bandeira de Mello. Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone, Priscila Aquino Silva, Rafael Cupello Peixoto e Sabrina Machado Campos

Introdução

Caro professor,

O Brasil é um país com 8.515.767.049 km² de extensão e uma população de 193.946.886, segundo o último censo do IBGE. Esse país continental reúne diversas culturas.

A memória da formação do povo brasileiro e a diversidade cultural existente no nosso país, assim como a questão da resistência e da diversidade serão os temas tratados nesta unidade.

Mantendo a nossa parceria, apresentamos algumas estratégias que permitam discutir o contato entre indígenas, europeus e africanos na formação do povo brasileiro, assim como as influências de cada um deles e os conflitos em torno desse processo.

Apresentação da unidade do material do aluno

Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
História	1	1	2	3 aulas (2 tempos cada)

Titulo da unidade	Tema
A diversidade cultural na história do Brasil.	A formação do povo brasileiro e a resistência das culturas indígena e africana.
Objetivos da unidade	
Discutir como se formou a ideia de “povo brasileiro” a partir das várias origens culturais do país;	
Identificar a influência de determinados grupos sociais e étnicos na divulgação de ideias sobre a história do Brasil;	
Analisar a transformação da diversidade étnica e cultural em desigualdade e exclusão.	
Seções	Páginas no material do aluno
Seção 1: A formação do povo brasileiro.	pp. 141-149
Seção 2: A presença negra no Brasil: resistência e diversidade.	pp. 149-156
Seção 3: As lutas dos povos indígenas	pp.156-162

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades



Atividades em grupo ou individuais

São atividades feitas com recursos simples disponíveis.



Applets

São programas que precisam ser instalados em computadores ou smartphones disponíveis para os alunos.



Avaliação

Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.

Seção 1 – A formação do povo brasileiro.

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Análise de fontes iconográficas.	A imigração e a formação da identidade brasileira.	Apresentação de diferentes iconografias que marcam a presença de imigrantes no Brasil, destacando a formação de agrupamentos que buscam a solidariedade entre pessoas com a mesma origem étnica.	A turma deverá ser dividida em grupos.	80 minutos
Análise de fontes escritas.	O que as cartas dos imigrantes têm a dizer sobre a História do Brasil.	Analisar correspondências dos imigrantes que chegavam a São Paulo no final do século XIX e início do século XX, a fim de perceber os objetivos, os anseios e os medos dos que migravam para o Brasil.	A turma deverá ser dividida em grupos.	80 minutos

Seção 2 – A presença negra no Brasil: resistência e diversidade

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Análise de texto	Cronologia da resistência negra no Brasil.	Apresentar os principais fatos escolhidos para compor a cronologia da luta pelo fim da discriminação racial no país.	Não há necessidade de divisão da turma.	30 minutos
Análise de texto	Resistência pós-abolição.	Analisar texto sobre a constante resistência negra mesmo após a Abolição.	Individual ou em grupos.	30 minutos
Análise de imagem e texto	Resistência negra em diferentes contextos.	Relacionar as fontes à ideia de resistência negra em contextos diferentes.	Individual ou em grupos.	30 minutos
Análise de texto	História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas	Analisar a implantação dos estudos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar.	Individual ou em grupos.	30 minutos

Seção 3 – As lutas dos povos indígenas

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Atividade com texto didático/literário	Aculturar-se para civilizar-se!	Essa atividade pode proporcionar o contato com textos literários. Aqui é sugerido um trecho da obra "Iracema" de José de Alencar, que permite refletir sobre os diferentes aspectos que o autor buscou ressaltar sobre a figura do índio.	Atividade em grupo ou em dupla.	30 minutos

Avaliação

Tipo de Atividade	Título da Atividade	Descrição sucinta	Divisão da Turma	Tempo estimado
Comparação de Imagens	Estética e resistência	Identificar a relação entre estética pessoal e resistência negra.	Individual ou em grupos.	50 minutos

Seção 1

A formação do povo brasileiro.

Páginas no material do aluno

141 a 149



A imigração e a formação da identidade brasileira.

Tipo de atividade:

Análise de fontes iconográficas.

Material necessário:

Datashow ou retroprojektor

Divisão da turma:

Em grupos (máximo de 04 integrantes).

Tempo estimado: 80 min.

Aspectos operacionais

Utilizando um datashow ou retroprojektor, você projetará iconografias acerca das marcas dos imigrantes na organização espacial do território brasileiro.

As imagens estão disponíveis em:

- BairradaLiberdade–SP.<http://www.viajandoblog.com/tag/imigra%C3%A7%C3%A3o>ou[http://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_\(bairro_de_S%C3%A3o_Paulo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_(bairro_de_S%C3%A3o_Paulo)) Acesso em 03/01/2013, às 17h02min.
- Penedo, Rio de Janeiro <http://www.penedo.com/content/view/29/110/>
- Quilombo São José, Valença, RJ. <http://redecultura.ning.com/profiles/blogs/festa-de-jongo-no-quilombo-sao> Acessado em 03/01/2013, às 18h25min.
- Festa dos Pretos Velhos, Quilombo São José. <http://www.cachuera.org.br/cachuerablog/> Acessado em 03/01/2013, às 18h43min.
- Machado de Assis. <http://www.viomundo.com.br/politica/a-caixa-machado-de-assis-e-o-branqueamento-do-brasil.html> Acessado em 03/01/2013, às 20h50min (A redenção de Cam).

Aspectos pedagógicos

- Inicialmente, você apontará alguns questionamentos a serem debatidos no final da atividade. Dentre outras possibilidades, poderá estimular a reflexão sobre:
 - Essas cidades ficam no Brasil ou em outro país?
 - O que é ser imigrante?
 - O que motivou a vinda dessas pessoas?
 - Que razões explicam a necessidade de agrupamentos dessas pessoas?
- Em seguida, cada grupo apresenta aos demais as respostas elaboradas para as perguntas citadas, a fim de fomentar o debate.
- Como sugestão para finalizar a atividade, que poderá ser utilizada como avaliação, propõe-se a cada aluno a elaboração de um pequeno texto sobre “Ser Imigrante no Brasil no século XXI”.



Bairro da Liberdade em São Paulo



Penedo, Rio de Janeiro



Grupo de Caxambu Michel Tannus em Porciúncula - RJ



Fernando Souza

Os mais velhos passam a tradição do jongo para os mais novos



"A redenção de Cam, de Roberto Freyre, 1895. A linha de sucessão representada pelas mulheres mostra a redenção pelo 'branqueamento'."



O que as cartas dos imigrantes têm a dizer sobre a História do Brasil.

Tipo de atividade:

Análise de fontes primárias.

Material necessário:

Texto impresso e/ou projetado no datashow ou retroprojeter

Divisão da turma:

Grupos com 3 ou 4 alunos.

Tempo estimado: 80 min.

Aspectos operacionais

Você disponibilizará para os grupos as cartas que serão discutidas.

No sítio a seguir você encontrará várias cartas de imigrantes chamando os familiares para vir para o Brasil.

- http://www.museudaimigracao.org.br/acervodigital/cartas.php?pesq=1&AssuntoPrincipal=UNI%C3O+DE+FAM%CDLIA&Titulo=CORRESPOND%CANCIA&Origem=&Descricao=&Ano_Ini=&Ano_Fim=&Reset2=Pesquisar

Aspectos pedagógicos

- Separar a turma em pequenos grupos e distribuir estas cartas para os alunos identificarem o que os migrantes pretendiam no Brasil, o que acham do país, quais as suas impressões etc.

Inicialmente, você apresenta alguns questionamentos a serem debatidos no final da atividade. Dentre outras possibilidades, poderá estimular a reflexão sobre:

- O que motivou a vinda dos imigrantes?
 - Quais as primeiras impressões sobre o Brasil?
 - Quais eram as principais dificuldades enfrentadas?
 - Quais os medos, sonhos, anseios?
- Em seguida, cada grupo apresenta as respostas elaboradas aos demais, a fim de fomentar o debate.



Fluxo migratório europeu e latino-americano

Tipo de atividade:

Análise de fontes escritas e de tabelas

Material necessário:

Textos e tabelas impressos e/ou projetados no datashow ou retroprojektor

Divisão da turma:

Grupos com 4 alunos.

Tempo estimado: 80 min.

Aspectos operacionais

Você disponibilizará para os grupos as tabelas e os textos com os dados da imigração que serão analisados.

As tabelas e textos estão disponíveis em:

- http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf Acessado em 04/01/2013, às 13h00min.
- <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,brasil-dificulta-a-entrada-de-espanhois-pelo-principio-de-reciprocidade,834197,0.htm> Acessado em 04/01/2013, às 13h40min.
- Inicialmente, você apresenta alguns questionamentos a serem debatidos no final da atividade. Dentre outras possibilidades, poderá estimular a reflexão sobre:
 - as mudanças que podemos observar no fluxo migratório para o Brasil.
 - Por quais motivos são feitas exigências para a entrada no Brasil?
 - Por que foi possível usar o critério da reciprocidade em relação à imigração espanhola?
 - A quais condições os imigrantes estão submetidos?
 - Que fatores ajudam a explicar as mudanças no fluxo migratório para a Europa?
 - Tabela 1: Distribuição da população brasileira segundo regiões e Unidades da Federação, 1872 – 1900 (p. 38).
 - Tabela 2: Estrangeiros residentes no Brasil, 1872-1940, (p. 41).
 - Tabela 1. Brasil e UFs selecionadas. Distribuição proporcional dos nascidos na Bolívia por lugar de residência em 2000, segundo período em que fixaram residência no Brasil, (p.117).

Todos os domingos, a Praça Padre Bento, em frente à imponente Igreja Santo Antônio do Pari, em São Paulo, se transforma no cenário de uma insólita atividade: uma evocação moderna dos mercados de escravos que funcionaram na cidade dos barões do café até o século passado. Dezenas de imigrantes sul-americanos oferecem-se como força-de-trabalho para os coreanos que mantêm oficinas de costura na cidade. As condições de trabalho pouco variam: jornada de 16 horas diárias e um cativeiro que só para da tarde de sábado à noite de domingo. (...) A partir das 18h, os primeiros imigrantes – na maioria bolivianos em situação irregular no país – chegam à praça e vão se agrupando nos bancos sob as árvores e nos bares das redondezas. Por volta das 21h, o mercado informal estabelecido na Praça Padre Bento já concentra cerca de 100 clandestinos. É nesse momento que os primeiros donos das oficinas chegam e transformam a praça numa bolsa de ofertas, misturando palavras em português, espanhol e coreano (O GLOBO, 13 dez. 1992).

“Atualmente, além da comunidade boliviana, percebe-se a entrada de paraguaios e peruanos, no trabalho nas oficinas de costura na cidade de São Paulo – em oficinas próprias ou nas oficinas de bolivianos e/ou coreanos. A entrada desses grupos, não apenas nas oficinas de costura, mas também em espaços de circulação da comunidade boliviana nos bairros do Brás, Canindé e Pari – principalmente na Rua Coimbra e na Avenida Carlos de Campos – tem gerado uma série de conflitos e tensões que se refletem, entre outras coisas, no aumento significativo de casos de violência entre esses grupos registrados pela polícia”. (BAENINGER, Rosana. (org) Imigração boliviana no Brasil. Campinas: Nepo/Unicamp, 2012. p.159-161. Disponível em http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf Acesso em 04/01/2013).

“BRASÍLIA - O Brasil passará a adotar exigências mais duras para a entrada de turistas espanhóis no País, usando o chamado princípio da reciprocidade. A partir do dia 2 de abril, os visitantes daquele país que desembarcarem aqui terão de apresentar comprovantes para reservas de hotéis, passagens de ida e volta e provar que têm recursos para se manter no Brasil pelo período da estada.

Negociações frustradas. A decisão foi tomada pelo Itamaraty depois de uma série de negociações frustradas para tentar diminuir as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros que chegam à Espanha. Desde 2008, o Brasil é o país com maior número de cidadãos barrados nos aeroportos espanhóis. Já na época, quando cerca de 240 brasileiros eram barrados por mês e posteriormente deportados, foi criado um grupo binacional para discutir o tema, mas não houve evolução.

Fluxo migratório. A preocupação dos espanhóis, de que brasileiros queiram se mudar clandestinamente para a Europa, pode deixar de ser realista. Um relatório publicado em janeiro deste ano pelo governo espanhol mostra que o fluxo migratório está mudando. Ainda em 2010, 17,6 mil brasileiros voltaram para o país, enquanto 12,9 mil foram para a Espanha.

Já o número de europeus querendo se mudar para o Brasil está aumentando. Em 2011, o País recebeu 57% a mais de trabalhadores estrangeiros do que no ano anterior, um número considerável deles vindos da Europa, especialmente Portugal e Espanha. (PARAGUASSU, Lissandra. Brasil dificulta a entrada de espanhóis pelo princípio de reciprocidade. O Estado de São Paulo. 10 de fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,brasil-dificulta-a-entrada-de-espanhois-pelo-principio-de-reciprocidade,834197,0.htm> Acesso em 04/01/2013, às 13h40min.)

Seção 2

A presença negra no Brasil: resistência e diversidade

Páginas no material do aluno

149 a 156



Cronologia da resistência negra no Brasil.

Tipo de atividade:

Análise de texto

Material necessário:

Projetor de textos e acesso à Internet

Divisão da turma para atividade:

Individual

Tempo estimado: 30 min.

Aspectos operacionais

1ª etapa: Apresente a cronologia para os alunos através do link:

“A cronologia da luta pelo fim da discriminação racial no país”. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/2011/03/a-cronologia-da-luta-pelo-fim-da-discriminacao-racial-no-pais> Acesso em 30/11/2012.

Uma possibilidade interessante é pedir para que um aluno faça a leitura em voz alta.

2ª etapa: Os alunos responderão a seguinte questão que poderá ser projetada ou escrita no quadro:

Por que razões a data 20 de novembro foi instituída como dia da Consciência Negra no Brasil? Por quais razões 13 de maio, dia da abolição da escravidão (Lei Áurea), não foi escolhida?

Aspectos pedagógicos

Ao recolher as respostas, tem-se uma oportunidade para discutir os argumentos do movimento negro para considerar a abolição da escravidão, uma “mentira cívica”. Há aqui uma ótima oportunidade para introduzir o tema acerca das diferentes leis abolicionistas, do século XIX, e como elas serviram como estratégia de permanência dos privilégios da elite da época.



Resistência pós-abolição.

Tipo de atividade:

Análise de texto

Material necessário:

Projetor de textos

Divisão da turma para atividade:

Não há necessidade de divisão da turma.

Tempo estimado: 30 min.

Aspectos operacionais

1ª etapa: Apresentação da fonte.

Apresente o texto aos alunos. Sugerimos que um aluno faça a leitura em voz alta, observando se foi mantida a ortografia da época.

“Parece que vive com o pensamento acorrentado, ou si se julga na realidade inferior, e neste caso, petulante si se introduzir em assumptos que lhe não competem.

Mas de que serviu finalmente a lei do abolicionismo no Brazil? Unicamente para mostrar aos estrangeiro a nossa aparente civilização, porque ela aboliu a escravatura official, implantou o servilismo particular; derrubou-se o regime de escravos obrigatórios impoz o de servos voluntários.

Quem são os culpados dessa negra mancha que macula eternamente a nossa frente?

Nós e unicamente nós que vivemos na mais vergonhosa ignorância, no mais profundo absecamento moral, que não compreendemos finalmente a angustiosa situação em que vivemos.

Cultivemos, extirpemos, o nosso analphabetismo e veremos se podemos ou não imitar os norte-americanos”.

O Alfinete, Orgão Literário, crítico e recreativo, dedicado aos homens de cor, anno 1, nº 2, São Paulo, setembro de 1918 (ortografia da época). Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/jornais?pesq2=1&nomet=13022&ano=1918>> Acesso em 29/11/2012.

2ª etapa: Análise da fonte.

Você poderá estimular seus alunos elaborando questões que permitam a análise da fonte histórica. Sugerimos:

A quem se destina o artigo?

Qual o tema proposto no artigo?

Qual a “angustiosa situação” a que se refere o autor?

Por que a preocupação do autor em imitar ou não os norte-americanos?

3ª etapa: Análise das respostas e introdução do debate.

A partir das respostas dos alunos e aproveitando o raciocínio dos mesmos, você poderá discutir os limites da Lei Áurea que aboliu a escravidão sem garantir a inserção do negro como cidadão na sociedade brasileira.

Aspectos pedagógicos

Estimular os alunos a criticarem a fonte e discutir os argumentos do autor. Para ele, os “culpados daquela mancha vergonhosa” eram unicamente os próprios negros. Você poderá perguntar aos alunos se esta afirmação seria de todo coerente, visto se tratar de um período em que a escravidão ainda era um passado bastante recente, portanto, ainda muito presente no imaginário social e em algumas práticas culturais. Tem-se aqui ótima oportunidade para estimular o debate sobre como poderia ser difícil para os ex-escravos e seus descendentes terem acesso à educação e a outros direitos sociais.



Resistência negra em diferentes contextos

Tipo de atividade:

Análise de imagem e texto

Material necessário:

Projetor de textos

Divisão da turma para atividade:

Individual ou em grupos

Tempo estimado: 30 min.

Aspectos operacionais:

1ª etapa: Apresente a imagem (primeira página do Jornal Novo Horizonte, 1946) e o texto (notícia sobre o julgamento da constitucionalidade da política de cotas pelo STF, em 2012) aos alunos:



História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas

Tipo de atividade:

Análise de texto

Material necessário:

Projetor de textos

Divisão da turma para atividade:

Individual ou em grupos

Tempo estimado: 30 min.

Aspectos operacionais:

1ª etapa: Apresente o texto (trecho da lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003) aos alunos:



Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 1/12/2012.

2ª etapa: Você poderá questionar os alunos sobre a importância desta lei e da formação do conhecimento sobre a cultura afro-brasileira.

Aspectos pedagógicos

Esta seria uma ótima oportunidade para você discutir com os alunos o papel do movimento de resistência negra na atualidade, e apresentar a criação desta lei como uma de suas conquistas. Há oportunidade também de refletir sobre o papel da escola e da educação na resistência negra nos últimos anos.

Seção 3 As lutas dos povos indígenas

Páginas no material do aluno

156 a 162



Aculturar-se para civilizar-se!

Tipo de atividade: Atividade com texto didático/literário

Divisão da turma:
Atividade em grupo ou em dupla.

Tempo estimado: 30 min.

Aspectos operacionais

Essa atividade pode proporcionar o contato com textos literários, aqui se sugere um trecho da obra *Iracema* de José de Alencar (texto abaixo), diante da qual você pode conduzir a turma a refletir sobre os diferentes aspectos que o autor buscou ressaltar sobre a figura do índio.



Entre os índios, a amizade não era este sentimento, que a força de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação recíproca; Poti e Martim são os dois amigos da lenda, votados à mútua estima e ao mútuo sacrifício.

A aliança os uniu; o contato fundiu-lhes as almas; todavia, a afeição de Poti difere da de Martim, como o estado selvagem do estado civilizado; sem deixarem de ser igualmente amigos, há cada um deles um traço característico que corresponde à origem de ambos;(...)

(José de Alencar. *Iracema*, Ed. Ouro, p.38/39)



Aspectos pedagógicos

Propomos uma atividade interdisciplinar com a área de português e literatura a partir da obra: Iracema, José de Alencar.

- a. Os alunos serão divididos em grupos e receberão a tarefa de pesquisar na Internet, em revistas, etc., exemplos de tribos indígenas e do processo de resistência das mesmas.
- b. No link www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000014.pdf o professor encontrará a obra de José de Alencar.

Sugerimos que o professor entre em contato com o professor de Língua Portuguesa e que juntos desenvolvam a atividade.

1. Discutir o índio idealizado por José de Alencar e o índio real no seu contato com o homem branco, no período colonial;
 2. Como se dão as perdas da memória cultural e da identidade na obra de José de Alencar? Como foi o contato entre brancos e índios no Brasil?
 3. Discutir a morte de Iracema e a dizimação das sociedades indígenas;
 4. Quem é o índio hoje, segundo a Constituição?
- c. Cada grupo deverá apresentar uma síntese da discussão.

Terras indígenas:

Muito interessante para o aluno e o professor é o Hotsite sobre população indígena com mapa interativo disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/> acesso em 22/11/2012.

Sobre herança da culinária indígena:

Sobre culinária capixaba: <http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/culinaria.aspx> acesso 08/12/2012

Receita de moqueca capixaba:



Moqueca capixaba

- pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MOQUECAB.jpg

No site abaixo existe um especial da revista Ana Maria que tem como tema a culinária típica brasileira apresentando vários tipos. Esse é o link da culinária do Rio de Janeiro:

- <http://mdemulher.abril.com.br/blogs/anamaria-receitas/2010/08/17/especial-comidas-tipicas-receitas-do-rio-de-janeiro/> acesso 12/12/2012.



Paçoca

Culinária indígena e brasileira: pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pa%C3%A7oca.jpg

OBS:

Todos os sites possuem inúmeras imagens que podem e devem ser utilizadas nas atividades propostas.

Chamar a atenção para os ingredientes, os locais de origem, a influência de diferentes grupos nesses pratos, as diferenças regionais etc.



Brasil: terra dos índios

Tipo de atividade:

Identificação das diferentes imagens construídas sobre o indígena brasileiro.

Material necessário:

Material para exibição de filme (DVD ou aparelho de projeção) e rádio/aparelho de CD.

Divisão da turma:

Primeiramente atividade coletiva e depois organização em duplas.

Aspectos operacionais

Você deve agregar a atenção de toda a turma para assistir/ouvir as mídias propostas para essa atividade: o filme *Caramuru* e a música de Renato Russo, Índios. Após um pequeno debate sobre as mídias, você deve organizar os alunos em duplas para o trabalho com o trecho didático.

A partir dessa divertida comédia podemos discutir uma série de questões relativas à participação indígena na formação do povo brasileira como, por exemplo, o contato entre portugueses e indígenas no Brasil. Podem ser discutidas, também, as heranças indígenas na nossa cultura.

Para que o aluno possa iniciar a pensar na questão indígena, sugerimos o filme “Caramuru – A invenção do Brasil”.

A música Índios, de Renato Russo, está disponível nos sítios: portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26634 e <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/a-musica-Indios-renato-russo-conquista-novo-mundo.htm>

O objetivo é observar as diferentes imagens produzidas sobre os indígenas e de que maneira elas estão alinhadas com múltiplos interesses, e verificar outros elementos concernentes àquela cultura.

Aspectos pedagógicos

A partir desta atividade podemos discutir uma série de questões relativas à participação indígena na formação do povo brasileira como, por exemplo: os primeiros contatos entre portugueses e indígenas no Brasil, o uso da amizade como estratégia de dominação, as transformações ocorridas com a chegada dos europeus, a destruição de populações indígenas, a aculturação sofrida pelos índios, entre outros aspectos.



Atividade com mapas – Localização das terras indígenas

Tipo de atividade:

Observação de mapas políticos e populacionais do Brasil que destacam a concentração indígena em diferentes momentos da nossa história, assim como gráficos que abordem diferentes aspectos dessas populações hoje e no passado.

Material necessário:

Mapas de diferentes espécies e gráficos.

Divisão da turma:

Primeiro uma discussão coletiva e depois organização em grupos.

Aspectos operacionais

Você deve concentrar a atenção da turma para o entendimento de mapas e gráficos, enfatizando a importância deste tipo de leitura e a possibilidade do diálogo interdisciplinar, especialmente com Matemática e Geografia.

Nesse site, você poderá encontrar informações atualizadas do último censo sobre a população indígena no Brasil.

- http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm acesso em 26/11/2012.

Outro site interessante com dados, gráficos, tabelas e mapas:

- <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quantos-sao/quantos-eram-quantos-serao>

O objetivo é exercitar a leitura desse tipo de fonte; analisar as áreas atuais e antigas onde as populações indígenas se concentravam; observar os desequilíbrios populacionais que sofreram ao longo do tempo, os índices de inserção, entre outros aspectos.

Aspectos pedagógicos

Com esses dados você poderá introduzir múltiplos debates que se colocam em torno da questão indígena na atualidade, como a ideia de igualdade étnica e racial e a questão das cotas, por exemplo. A partir da análise das tabelas de dados quantitativos, pode-se estimular o aluno a produzir um pequeno texto histórico, a partir de dados numéricos, agregando as informações e conclusões após leitura das fontes. Para isso, o professor poderá levantar

questões como: observar as regiões onde existe maior número de alfabetizados e discutir as possíveis razões para isso; poderá trabalhar tais dados a partir dos troncos familiares e verificar a sua língua original; onde se localiza a maior população indígena alfabetizada (em áreas demarcadas ou não?); e assim, por diante, as questões são infinitas e os dados dão o início da conclusão.

Avaliação



Brasil, país negro, branco ou mestiço?

Tipo de atividade:

Análise de fontes escritas.

Material necessário:

Texto impresso e/ou projetado no datashow ou retroprojektor.

Divisão da turma:

Grupos com 3 ou 4 alunos.

Aspectos operacionais:

Você disponibilizará para os grupos os textos que serão debatidos.

Os textos estão disponíveis em:

- <http://www.viomundo.com.br/politica/a-caixa-machado-de-assis-e-o-branqueamento-do-brasil.html> Acessado em 03/01/2013, às 10h02min.
- <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/discriminacao/ontemhoje.html> Acessado em 03/01/2013, às 20h33min.
- <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI1947001-EI10361,00-IBGE+dos+analfabetos+do+Pais+sao+negros.html> Acessado em 03/01/2013, às 18h10min.
- <http://www.palmares.gov.br/2012/07/cresce-o-numero-de-pessoas-que-se-autodeclararam-negras-segundo-o-ibge/> Acessado em 03/01/2013, às 11h55min.

Aspectos pedagógicos

- Inicialmente, você apresenta alguns questionamentos a serem debatidos no final da atividade. Dentre outras possibilidades, poderá estimular a reflexão sobre:
 - O que é uma política de branqueamento?
 - O que motivava e legitimava o discurso de branqueamento?
 - Que mudanças podemos observar, a partir dos dados do IBGE, nas condições socioeconômicas dos negros?
 - Você se considera negro, pardo, branco ou indígena? Justifique sua resposta.
 - Segundo o texto, que fatores têm contribuído para elevar o percentual de negros e mestiços em nossa sociedade? Você concorda com o argumento utilizado?
- Em seguida, os grupos apresentam suas respostas e tem início o debate.
- Após o debate, o grupo deverá elaborar uma tabela com os dados apresentados em 1999/2000, 2007 e 2010.
- Por fim, a partir da elaboração deste quadro comparativo, o aluno (individualmente ou em dupla) deverá ser estimulado a fazer um pequeno texto analisando a desigualdade social a que negros e pardos estão submetidos e refletindo sobre as práticas de promoção da igualdade.

A Caixa, Machado de Assis e o branqueamento do Brasil

(...) Apostando sempre no seu povo, essa última tornou-se a posição oficial do governo brasileiro, que tentava vender, no exterior, a ideia de um país com grande futuro à espera dos europeus; ou à espera de europeus, para ser mais exata. Participávamos de feiras e congressos internacionais, disputando imigrantes com Argentina, Chile e Estados Unidos, e o discurso de Lacerda, representante brasileiro no I Congresso Universal de Raças, em Londres, tenta aplacar o medo dos europeus de compartilharem o Brasil com uma raça inferior:



(...) no Brasil já se viram filhos de métis (mestiços) apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca [...]. Alguns retêm uns poucos traços da sua ascendência negra por influência dos atavismos(...) mas a influência da seleção sexual (...) tende a neutralizar a do atavismo, e remover dos descendentes dos métis todos os traços da raça negra(...) Em virtude desse processo de redução étnica, é lógico esperar que no curso de mais um século os métis tenham desaparecido do Brasil. Isso coincidirá com a extinção paralela da raça negra em nosso meio.



A elite intelectual brasileira, formada por literatos, políticos, cientistas e empresários, indignada com as declarações do diretor do Museu Nacional, foi debater nos jornais e revistas. Alguns clamavam que 100 anos era um absurdo de tempo, que o apagamento do negro se daria em muito menos. Outros debochavam do otimismo de Lacerda, como o escritor Silvio Romero, que acreditava que o processo, que todos concordavam ser irreversível, levaria, pelo menos, uns seis ou oito séculos. Mas todos concordavam que era apenas uma questão de tempo, desde que o Brasil continuasse a promover a entrada de brancos europeus, a não fazer nada para integrar os negros que já estavam no país ou para baixar a taxa de mortalidade entre eles, e a dificultar a entrada de novos africanos.

De fato, o governo brasileiro financiou a vinda de imigrantes europeus, não fez absolutamente nada que ajudasse escravos e libertos e proibiu a entrada de africanos. Um decreto de 28 de junho de 1890 diz que estava proibida a entrada de africanos no Brasil, e é reforçado por outros em 1920 e 1930, quando os banidos não necessariamente precisam ser africanos, mas apenas parecer. Em 1945, um decreto lei não mais proíbe, mas diz que:

Art. 1º – Todo estrangeiro poderá, entrar no Brasil desde que satisfaça as condições estabelecidas por essa lei.

Art. 2º – Atender-se-á, na admissão de imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia, assim como a defesa do trabalhador nacional (...).

▪ <http://www.viomundo.com.br/politica/a-caixa-machado-de-assis-e-o-branqueamento-do-brasil.html>

Nos últimos dias, livros, revistas, dissertações e o computador têm sido minhas principais companhias. A tarefa é dura e desafiadora: escrever sobre Lélia Gonzalez (1935-1994), uma das maiores intelectuais negras que este país já teve.

Em um dos parágrafos, falei dos desafios a serem enfrentados para a superação da desigualdade racial existente no Brasil. Da mesma maneira, discorri sobre os avanços e vitórias que a população negra obteve, principalmente nas duas últimas décadas: A criação da SEPPPIR em 2003, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial em 2010, e mais recentemente a vitória histórica com a aprovação das Cotas no ensino superior.

(...)

Temos na medida da PM Paulista uma continuidade histórica. Ainda no século XIX, representantes da classe dominante brasileira tomaram de empréstimo as teorias raciais disseminadas na Europa, que atestavam a inferioridade dos negros. Ao adaptá-las à realidade nacional, imputaram aos descendentes de escravos uma suposta tendência ao crime. Outrossim, o negro associado à criminalidade foi fundamentado pela Ciência, ganhou caráter institucional no Estado e acabou amplamente disseminado pela população.

Passados mais de um século, este estigma permanece arraigado no inconsciente coletivo e nas abordagens policiais. Os moradores das periferias, vilas e favelas, sobretudo os negros e do sexo masculino, são vistos como **elementos suspeitos**.

Do ponto de vista da violência urbana, um estudo realizado pelo Laboratório de Análises Estatísticas Econômicas e Sociais das Relações Raciais da UERJ mostrou que, entre os anos de 2009 e 2010, o número de pretos e pardos assassinados cresceu 46,3%. No contingente branco, esse crescimento foi de 0,1%. (...)

Disponível em www.viomundo.com.br/denuncias/luana-toleitino-ordem-de-servico-da-pm-arma-para-genocidio-de-jovens-negros.html

Kabengele Munanga: “A educação colabora para perpetuar racismo”

publicado em 30 de dezembro de 2012 às 15:51



Professor Kabengele Munanga: Sem cotas raciais, as políticas universalistas não são capazes de diminuir o abismo entre negros e brancos no País. Foto: CartaCapital

por Adriana Marcolini, em CartaCapital

Nascido no antigo Zaire, atual República Democrática do Congo, em 1942, o professor de Antropologia da Universidade de São Paulo Kabengele Munanga aposentou-se em julho deste ano, após 32 anos dedicados à vida acadêmica. Defensor do sistema de cotas para negros nas universidades, Munanga é frequentemente convidado a debater o tema e a assessorar as instituições que planejam adotar o sistema. Nesta entrevista, o acadêmico aponta os avanços e erros cometidos pelo Brasil na tentativa de se tornar um país mais igualitário e democrático do ponto de vista racial.

CartaCapital: O senhor afirma que é difícil definir quem é negro no Brasil. Por quê?

Kabengele Munanga: Por causa do modelo racista brasileiro, muitos afrodescendentes têm dificuldade em se aceitar como negros. Muitas vezes, você encontra uma pessoa com todo o fenótipo africano, mas que se identifica como morena-escura. Os policiais sabem, no entanto, quem é negro. Os zeladores de prédios também.

CC: Quem não assume a descendência negra introjeta o racismo?

KM: Isso tem a ver com o que chamamos de alienação. Por causa da ideologia racista, da inferiorização do negro, há aqueles que alienaram sua personalidade negra e tentam buscar a salvação no branqueamento. Isso não significa que elas sejam racistas, mas que incorporaram a inferioridade e alienaram a sua natureza humana.

CC: O mito da democracia racial, construído por Gilberto Freyre e vários intelectuais da sua época, ainda está impregnado na sociedade brasileira?

KM: O mito já desmoronou, mas no imaginário coletivo a ideia de que nosso problema seja social, de classe socioeconômica, e não da cor da pele, faz com que ainda subsista. Isso é o que eu chamo de “inércia do mito da democracia racial”. Ele continua a ter força, apesar de não existir mais, porque o Brasil oficial também já admitiu ser um país racista. Para o brasileiro é, porém, uma vergonha aceitar o fato de que também somos racistas.

CC: O senhor observa alguma evolução nesse cenário?

KM: Houve grande melhora. O próprio fato de o Brasil oficial se assumir como país racista, claro, com suas peculiaridades, diferente do modelo racista norte-americano e sul-africano, já é um avanço. Quando cheguei aqui há 37 anos, não era fácil encontrar quem acompanhasse esse tema. Hoje, a questão do racismo é debatida na sociedade.

CC: O sistema de cotas deve ser combinado com a renda familiar?

KM: Sempre defendi as cotas na universidade tomando como ponto de partida os estudantes provenientes da escola pública, mas com uma cota definida para os afrodescendentes e outra para os brancos, ou seja, separadas. Por que proponho que sejam separadas? Porque o abismo entre negros e brancos é muito grande. Entre os brasileiros com diploma universitário, o percentual de negros varia entre 2% e 3%. As políticas universalistas não são capazes de diminuir esse abismo.

CC: Somente os estudantes vindos da escola pública são incluídos nas cotas?

KM: Sim, com exceção da Universidade de Brasília (UnB). Lá, as cotas não diferenciam os que vêm da escola pública e os da particular. Porém, em todas as universidades o critério é uma porcentagem para os negros, outra para os brancos e outra para os indígenas, todos provenientes da escola pública. Dessa forma, os critérios se cruzam: o étnico e o socioeconômico. Tudo depende da composição demográfica do estado. Em Roraima, por exemplo, sugeri que se destinasse um percentual maior para a população indígena, proporcional à demografia local.

CC: Quantas universidades adotaram o sistema de cotas no Brasil?

KM: Cerca de 80. É interessante observar que há muita resistência nas regiões Norte e Nordeste. Lá eles ainda acreditam que a questão seja apenas social.

CC: O sistema deve passar por avaliação para definir a sua renovação ou suspensão?

KM: Qualquer projeto social não deve ser por tempo indeterminado. No sistema em vigor, algumas universidades estabeleceram um período experimental de 10 anos, outras de 15. Posteriormente, vão avaliar se seguem adiante.

CC: Em sua opinião, por que a Universidade de São Paulo ainda não aprovou as cotas?

KM: A USP poderia ter sido a primeira universidade a debater o sistema, porque aqui se produziram os primeiros trabalhos intelectuais do Sudeste que revelaram o mito da democracia racial. Como é uma universidade elitista, ficou presa à questão de mérito e excelência. Não é oficial, mas está no discurso dos dirigentes. A outra refere-se à questão do mérito. Eles ainda acreditam que o vestibular tradicional seja um princípio democrático. De certo modo acredito que a Universidade de São Paulo ainda esteja presa ao mito da democracia racial. Entre as universidades paulistas, apenas a Federal de São Paulo adotou as cotas. A Unesp também está de fora.

CC: O racismo é uma ideologia. De que forma podemos desconstruí-la? Qual o papel da escola?

KM: Como todas as ideologias, o racismo se mantém porque as próprias vítimas aceitam. Elas o aceitam por meio da educação. É por isso que em todas as sociedades humanas a educação é monopólio do Estado. Falo da educação em sentido amplo, ou seja, aquela que começa no lar. A socialização começa na família. É assim que, enquanto ideologia, o racismo se mantém e reproduz. A educação colabora para a perpetuação do racismo.

CC: A escola brasileira está preparada combater o racismo?

KM: As leis 10.639 e 11.645 tornam obrigatório o ensino da cultura, da história, do negro e dos povos indígenas na sociedade brasileira. É o que chamamos de educação multicultural. As leis existem, mas há dificuldades para que funcionem. Primeiro é preciso formar os educadores, porque eles receberam uma educação eurocêntrica. A África e os povos indígenas eram deixados de lado. A história do negro no Brasil não terminou com a abolição dos escravos. Não é apenas de sofrimento, mas de contribuição para a sociedade.

CC: Uma estudante angolana foi assassinada recentemente em São Paulo, mas a mídia não deu a devida atenção. Por que isto acontece?

KM: A imprensa é um microcosmo da sociedade e ignora, ou finge ignorar, o racismo. Por isso, quando ocorre um fato desta natureza, não o julga devidamente. Mas a mídia brasileira também não dedica espaço para o continente africano.

Disponível em www.viomundo.com.br/politica/kabengele-munanga-a-educacao-colabora-para-a-perpetuacao-do-racismo.html

Cresce o número de pessoas que se autodeclaram negras, segundo o IBGE

O Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência, divulgado na última semana pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que apesar de já ser predominante no Brasil, a população negra ainda sofre com a desigualdade racial.

Em comparação com o Censo realizado em 2000, o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Esse resultado também aponta que a população que se autodeclara branca caiu de 53,7% para 47,7% (91 milhões de brasileiros).

O analista socioeconômico do IBGE, Jefferson Mariano, afirma que essa mudança de cenário faz parte de uma mudança cultural que vem sendo observada desde o Censo de 1991. “Muitos que se autodeclaravam brancos agora se dizem pardos, e muitos que se classificavam como pardos agora se dizem pretos. Isso se deve a um processo de valorização da raça negra e ao aumento da autoestima dessa população”, diz.

O analista, no entanto, afirma que “o Brasil ainda é racista e discriminatório”. “Não é que da noite para o dia o país tenha deixado de ser racista, mas existem políticas. As demandas (da população negra), a questão da exclusão, tudo isso começou a fazer parte da agenda política”, afirma Mariano.

Nível superior – O novo volume do Censo Demográfico de 2010 apontou a grande diferença que existe no acesso a níveis de ensino pela população negra. No grupo de pessoas de 15 a 24 anos que frequentava o nível superior, 31,1% dos estudantes eram brancos, enquanto apenas 12,8% eram pretos e 13,4% pardos.

Para o presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP), Eloi Ferreira de Araujo, a política das cotas nas universidades brasileiras é um dos caminhos mais importantes para que esses números não se repitam no próximo Censo. “A construção da igualdade no Brasil está diretamente ligada à educação”, afirma. “Ao aprovar a constitucionalidade das cotas, o STF já deu início a essa longa caminhada, que faz valer a nossa Constituição e o Estatuto da Igualdade Racial em sua plenitude”, completa.

Mercado de trabalho – A nova publicação também traz um dado que não é mais novidade: os brancos continuam recebendo salários mais altos e estudando mais que os negros (pretos e pardos).

Segundo o levantamento, essa realidade é ainda mais acentuada na região Sudeste, onde os rendimentos recebidos pelos brancos correspondem ao dobro dos pagos aos negros. A menor diferença é observada na região Sul, onde a população branca ganha 70% mais que aquela que se autodeclarou preta.

Jefferson Mariano aponta que esses indicadores pouco mudaram com o passar dos anos. “Nós até observamos uma redução da desigualdade nesse aspecto, mas a queda é muito tímida”, diz.

População negra nos estados brasileiros – A distribuição por raça entre os Estados refletiu padrões históricos de ocupação e movimentos relacionados à dinâmica econômica, segundo o IBGE. A população de pardos, por exemplo, é mais comum no Nordeste e no Norte (com destaque para o Pará, com 69,5% de pardos), enquanto os pretos estão mais presentes nos Estados da região Nordeste, principalmente na Bahia, onde 17,1% se autodeclararam pretos (2,4 milhões de pessoas).

O segundo Estado com o maior número de pessoas que se dizem pretas, no entanto, está na região Sudeste: o Rio de Janeiro tem 12,4% de pretos, o que corresponde a 2 milhões de pessoas. No Estado de São Paulo, a maioria se classificou como branca (63,9%), seguida pela população parda (29,1%) e preta (5,5%).

- <http://www.palmares.gov.br/2012/07/cresce-o-numero-de-pessoas-que-se-autodeclararam-negras-segundo-o-ibge/>



Estética e resistência

Tipo de atividade:

Comparação de Imagens

Material necessário:

Projetor de imagens

Tempo estimado: 50 min.

Aspectos operacionais

1ª etapa: Apresente as imagens a seguir aos alunos:

Jeana de Aguiar
N.º 100, Botafogo, RJ
Luz

O Nosso Artigo
Sem Fundo

Ha alguns milênios quando se abriu o primeiro boteco, na era em que despovava os primeiros clarões das mentalidades civilisadoras: logo um cachaca a feliz de a de colocar na porta de a se tolerante botecoim-a Homem conhece-te a ti mesmo...

Essa legenda ficou a travez dos seculos servindo de lição para todos os individuos fracos de idea. Assim, caros leitores, relembrando a frase vnal de um famoso locador de pistão de vara, cujo, palavra deixamos de citar, diante de tanta familia presente, podemos venia para apresentar o primeiro numero deste nosso pasquin -CRUSAIA, que promete pela esculhambação, concertar os desatinados erros dos constructores da nossa igrejainha.

Este pasquin sao a lume, sem temer o estouro da boiada, e nem os arroganhos do 'valiente' e manhoso constructor da obra que vai salvar a patria nova, mesmo que... que tristeza...

ADIVINHACÃO

Um homem casado que mora uma moça solteira, o que é?

-D. João, conquistador e etc...

É apenas -leviandade juvenil-

Nós da mocidade negra

Não queremos tapeação

A bem na nossa moral

Exigimos punição!

Sabe da Frente secretario

Exigimos sem cestar

Precisamos gente seria

Que possamos respeitar.

NO PROXIMO NUMERO

Sensacional reportagem.

O Perdão da Santa

Sem numero São Paulo, Fevereiro de 1932 Sem assinatura

CHIBATA

Nós somos Judas da raça, quem serão os Christos?

Editor Quando este jornal circular: Garente
Homem negro sente-se cheio de difunto... F. Xicocost.

Judas da Raça!...

Ha homens que se aniquilam e perdem o controle do bom senso, quando algum lhes atira uma pedra com intuito de diminuir-o...

Na luta em que nos empenhamos, temos racebidos dessa mimosidades deslegantes e que sempre trazem consigo, a photographia moral e intelectual do doatario gratuito...

Portanto, descerando as portas do amago das grandes piedades christans que possamos em alta dose, aceitamos e fazemos questão d'ora avante, dentro do trabalho que vimos realizando sem blasonico, em sermos os 'Judas da raça'.

Porém, como os direitos se repartem por equidade humana, queremos que os Srs. Conselheiros da F. N. B. declarassem quem nesse caso seria Christo, mesmo porque, os que assim nos taxam, não de de permitir um pouco de phariseus canciestes, para que o conceito biblico não fique mutilado de maneira tão ignorante e rasteira.

GRANDE FURO

A nossa reportagem, consegue realizar o maior furo de imprensa de todos os tempos!... (?)

Sensacionaes declarações do nosso reporter Zé Candoca

Eu accuso, nem que o arranha céu do Martinelli caia sobre a minha cabeça—cu accuso...

Pronunciando essas frases balzaquianas, conseguimos colher as ultimas palavras do nosso colega que diz: São Sebastião do Paraizo, é verdade; que eu seja 'Judas' da raça, é infamia dessa gente... Eu morro com a verdade, cumprindo o meu dever, jurado em plenário, porque o individuo de má catadura, cynico e hypocrita, precisa viver, coitado, veja o que resta do teu machucado, valissimo com os teus amigos sinceros... Que triste figura farás, diante da tua... Eu morro, sao da frente amigo, para que eu possa vêr, não a patria velha implantada, mas minha raça moralizada e materialmente, caminhando em novas conquistas... São da frente, si é verdade que teu bis avô... E as palavras embargaram na garganta do meu grande martyre da imprensa, morto em serviço do meu pasquin.

No recesso d'uma victoria humilhante em que ficou a personalidade nulla do secretario geral da Frente Negra Brasileira, fulgurou a imagem d'uma Santa que suffocando a vergonha soffrida, -no seio da familia negra de S. Sebastião do Paraizo, preferiu mesmo no desengano, deixar impune o latido de sua tranquillidade.

Mais uma vez, podemos exaltar a qualidade particular da Mulher Negra, e la que no turbilhão de todas injustiças praticadas no Brasil, se salvou pelo perdão dentro da historia americana e brasileira.

Della, sabemos a valer o stoicismo e consideramos cada uma que tão bem symbolisa a Mulher padroeira das virtudes em todas as idades.

E o grande conselho composto em sua maioria de homens pães, esposos, irmãos e filhos concorda em que se abandone ao venalismo dos indivíduos immorales, todos os lares honestos da Raça. Pobre leviandade juvenil.

Patriavélha...

"Cançado doutrinas encrucas,

"Disse um dia o secretario;

"Meu rapaz vá na gandaia,

"Vá sem calça, vá de saia;

"Sinta as emoções de lá.

Tinico

Encarnar D. Juan e outras figuras dos nossos tempos, deve mesmo ser de preocupação do irmão do irmão patriavéllista. Nos melhores dias "des ses Brasils" repousam nas velharias da Patria que então tinha passos á "almaria" negra em pleno paganismo americano e restringido nas sensala.

Mas, "nois" que philosophamos, pois que confessamos, pois que temos a patria navéllista" devemos tirar a vista da raça porque negro nasceu para viver tapeado, deve ser analfabeto porém deve saber resar tudinho direitinho não serve para ficar na patriavéllha!

CHIBATA

Este pasquin proseguirá na sua circulação, enquanto elle permanecer na frente.

Uma invenção maravilhosa!...

“O CABELISADOR”

ALISA O CABELLO O MAIS CRESPO SEM DOR

Uma coisa que até agora parecia impossível e que constitui o sonho diário de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefragável.

Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o composto e sedoso?

Graças à maravilhosa invenção do nome “CABELISADOR”, conseguem, em conjunto com duas “Pastas Mágicas”, alisar todo e qualquer cabelo, por mais crespo que seja.

Com o uso desta maravilhosa invenção, os cabelos não só ficam naturalmente lisos, mas também mais compostos.

Quem não prefere ter uma cabeleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos crespos e crespos? Qual é a pessoa que não queira ser elegante e moderna?

Pois o nome “CABELISADOR” alisa o cabelo a mais crespo sem dor.

O nosso estivo contém todo o necessário para este fim, não havendo necessidade de colorização. Fazem tudo em casa, discrição e economicamente, sem pagar e sem a menor dor.

O “CABELISADOR” e as “Pastas Mágicas” podem ser usados com toda a confiança, pois absolutamente não prejudicam o cabelo, sendo de um emprego fácil e sempre eficaz.



Fabricamos duas qualidades de “CABELISADOR”, uma para cabelo muito crespo, n.º 1, e outra para cabelos menos crespos, n.º 2.

Quando as Pastas Mágicas N.º 1 ou 2, contidas no estivo se acabarem, encontrar-se-ão sempre outras nas lojas farmacêuticas e casas de perfumarias, etc., ou no nosso Depósito Geral, à Praça da Sé N.º 14, Sala 4, 2.º andar — Tel.: 2-1786 São Paulo.

Fazemos ao inteiro duplo de nossa distinta clientela para todos os esclarecimentos que forem necessários, bem como nos comprometemos a fazer demonstrações, às pessoas que assim o desejarem em nosso escritório, à Praça da Sé, 14, Sala 4, 2.º andar, São Paulo.

Podemos mandar o “CABELISADOR” para todas as partes do Brasil mediante pagamento adiantado.

LISTA DE PREÇOS

Estivo completo, contendo um “CABELISADOR”, uma espátula especial, uma lata de Pasta Mágica N.º 1 e uma lata de Pasta Mágica N.º 2 684000
Um “CABELISADOR” avulso 450000
Uma espátula especial para o “CABELISADOR” 100000
Pasta Mágica N.º 1 ou N.º 2, cada latinha 38700
Pelo Correio (registrado) mais 25000

Modo de usar o “CAELISADOR”

Jornal Clarín da Alvorada, 13/05/1929. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/periodicos/jornais/KU19290513.pdf>>

Acesso em: 1/12/2012.



Sara Tavares, cantora. Disponível em commons.wikimedia.org/wiki/File:SaraTavares20110930Acrop.jpg



Disponível em: www.geledes.org.br/atlantico-negro/afrobrasileiros/zumbi-dos-palmares/consciencia-negra-2012/16309-hoje-na-historia-20-de-novembro-dia-nacional-da-consciencia-negra
portacurtas.org.br/filme/?name=imagine_uma_menina_com_cabelos_de_brasil (vídeo)

2ª etapa: Solicitar que os grupos de alunos analisem com cuidado, cada uma das imagens apresentadas e que respondam às seguintes questões:

- a. Em sua opinião, a estética pessoal tem alguma relação com as ideias e concepções de uma pessoa sobre si e o mundo?
- b. Você observa alguma relação entre estética pessoal e resistência negra?
- c. Este continua sendo um meio de resistência negra na atualidade?

Aspectos pedagógicos

Você poderá pedir que cada grupo sistematize suas respostas e eleja um representante para dizer qual foi a resposta do grupo. A partir da defesa dos alunos, você poderá verificar como a turma compreendeu o assunto. Pode-se discutir, ainda, as formas como os padrões de beleza são historicamente constituídos.



Avaliando a aprendizagem

Tipo de atividade:

Resolvendo questões do ENEM

Tempo estimado: 80 min.

ENEM 2001 questão 60 – prova branca

Os textos referem-se à integração do índio à chamada civilização brasileira.

I. “Mais uma vez, nós, os povos indígenas, somos vítimas de um pensamento que separa e que tenta nos eliminar cultural, social e até fisicamente. A justificativa é a de que somos apenas 250 mil pessoas e o Brasil não pode suportar esse ônus. (...) É preciso congelar essas idéias colonizadoras, porque elas são irreais e hipócritas e também genocidas. (...) Nós, índios, queremos falar, mas queremos ser escutados na nossa língua, nos nossos costumes.”

Marcos Terena, pres. do Comitê Intertribal Articulador dos Direitos Indígenas na ONU e fundador das Nações Indígenas, Folha de S. Paulo, 31 de agosto de 1994.

II. “O Brasil não terá índios no final do século XXI (...) E por que isso? Pela razão muito simples que consiste no fato de o índio brasileiro não ser distinto das demais comunidades primitivas que existiram no mundo. A história não é outra coisa senão um processo civilizatório, que conduz o homem, por conta própria ou por difusão da cultura, a passar do paleolítico ao neolítico e do neolítico a um estágio civilizatório.”

Hélio Jaguaribe, cientista político, Folha de S. Paulo, 2 de setembro de 1994.

A partir da análise dos textos acima podemos afirmar:

- Tanto Terena quanto Jaguaribe propõem idéias inadequadas, pois o primeiro deseja a aculturação feita pela “civilização branca”, e o segundo, o confinamento de tribos.
- Terena quer transformar o Brasil numa terra só de índios, pois pretende mudar até mesmo a língua do país, enquanto a idéia de Jaguaribe é anticonstitucional, pois fere o direito à identidade cultural dos índios.
- Terena compreende que a melhor solução é que os brancos aprendam a língua tupi para entender melhor o que dizem os índios. Jaguaribe é de opinião que, até o final do século XXI, seja feita uma limpeza étnica no Brasil.
- Terena defende que a sociedade brasileira deve respeitar a cultura dos índios e Jaguaribe acredita na inevitabilidade do processo de aculturação dos índios e de sua incorporação à sociedade brasileira.
- Terena propõe que a integração indígena deve ser lenta, gradativa e progressiva, e Jaguaribe propõe que essa integração resulte de decisão autônoma das comunidades indígenas.

Resposta: D

ENEM 2006 – questão 16 – prova amarela

No início do século XIX, o naturalista alemão Carl Von Martius esteve no Brasil em missão científica para fazer observações sobre a flora e a fauna nativas e sobre a sociedade indígena. Referindo-se ao indígena, ele afirmou: “Permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo (...). Esse estranho e inexplicável estado do indígena americano, até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para conciliá-lo inteiramente com a Europa vencedora e torná-lo um cidadão satisfeito e feliz.”

Carl Von Martius. “O estado do direito entre os autóctones do Brasil”. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.

Com base nessa descrição, conclui-se que o naturalista Von Martius:

- apoiava a independência do Novo Mundo, acreditando que os índios, diferentemente do que fazia a missão européia, respeitavam a flora e a fauna do país.
- discriminava preconceituosamente as populações originárias da América e advogava o extermínio dos índios.
- defendia uma posição progressista para o século XIX: a de tornar o indígena cidadão satisfeito e feliz.
- procurava impedir o processo de aculturação, ao descrever cientificamente a cultura das populações originárias da América.
- desvalorizava os patrimônios étnicos e culturais das sociedades indígenas e reforçava a missão “civilizadora européia”, típica do século XIX.

Resposta: E

Esta “missão civilizadora” dos europeus não considerava as particularidades culturais dos povos conquistados. Da mesma forma, considerava a cultura branca européia superior às demais, o que se denomina “eurocentrismo”. Ao interpretar a cultura indígena desta forma, o naturalista Von Martius apenas incorpora o eurocentrismo na interpretação dos povos americanos.

ENEM 2008 – Prova Amarela – Questão 59

- Na América inglesa, não houve nenhum processo sistemático de catequese e de conversão dos índios ao cristianismo, apesar de algumas iniciativas nesse sentido. Brancos e índios confrontaram-se muitas vezes e mantiveram-se separados. Na América portuguesa, a catequese dos índios começou com o próprio processo de colonização, e a mestiçagem teve dimensões significativas. Tanto na América inglesa quanto na portuguesa, as populações indígenas foram muito sacrificadas. Os índios não tinham defesas contra as doenças trazidas pelos brancos, foram derrotados pelas armas de fogo destes últimos e, muitas vezes, escravizados.

No processo de colonização das Américas, as populações indígenas da América portuguesa:

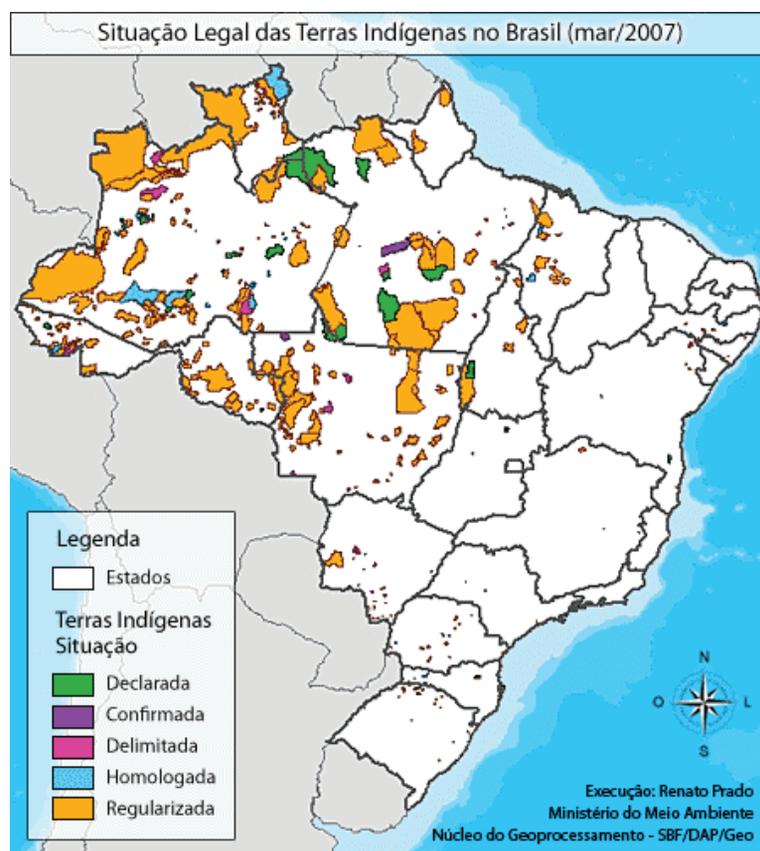
- a. foram submetidas a um processo de doutrinação religiosa que não ocorreu com os indígenas da América inglesa.
- b. mantiveram sua cultura tão intacta quanto a dos indígenas da América inglesa.
- c. passaram pelo processo de mestiçagem, que ocorreu amplamente com os indígenas da América inglesa
- d. diferenciaram-se dos indígenas da América inglesa por terem suas terras devolvidas.
- e. resistiram, como os indígenas da América inglesa, às doenças trazidas pelos brancos.

Resposta: A



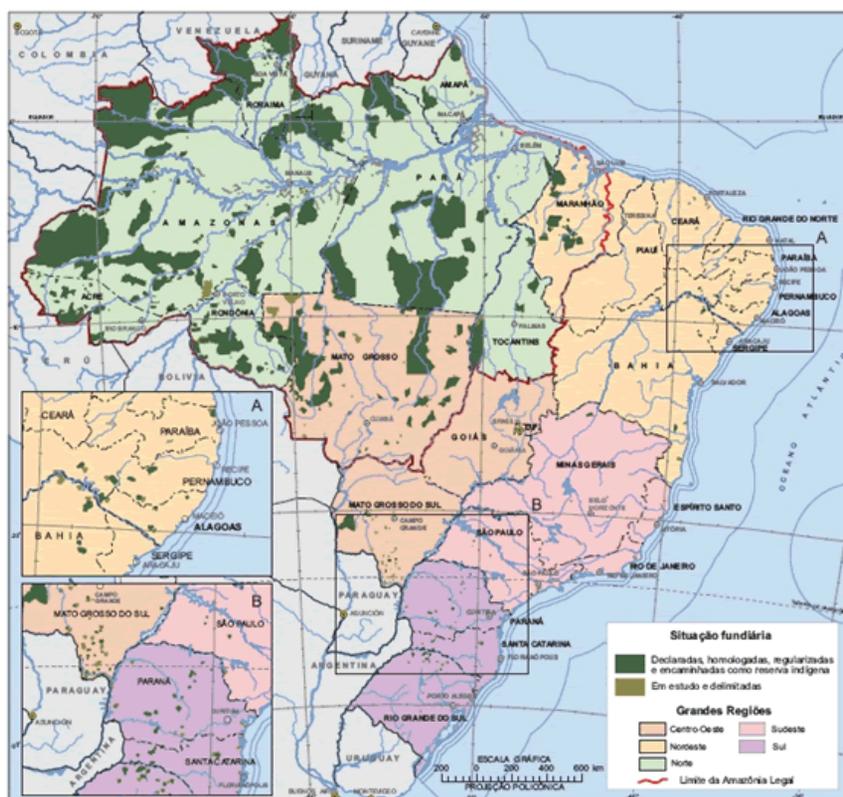
Anexo

Anexo 1



http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1

Anexo 2



<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2194>

Anexo 3

População indígena e distribuição percentual, por localização do domicílio e condição de indígena, segundo as Grandes Regiões - 2010

Grandes Regiões	População indígena e distribuição percentual				
	Total	Localização do domicílio			
		Terras indígenas			Fora de terras indígenas
		Total	Condição de indígena		
		Declararam-se indígenas	Não se declararam, mas se consideravam indígenas		
Brasil	896 917	517 383	438 429	78 954	379 534
Norte	342 836	251 891	214 928	36 963	90 945
Nordeste	232 739	106 142	82 094	24 048	128 597
Sudeste	99 137	15 904	14 727	1 177	83 233
Sul	78 773	39 427	35 599	3 828	39 346
Centro-Oeste	143 432	104 019	91 081	12 938	39 413
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Norte	38,2	48,7	49,0	46,8	24,0
Nordeste	25,9	20,5	18,7	30,5	33,4
Sudeste	11,1	3,1	3,4	1,5	21,9
Sul	8,8	7,6	8,1	4,8	10,4
Centro-Oeste	16,0	20,1	20,8	16,4	10,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.